



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros 5650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega 5120
ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

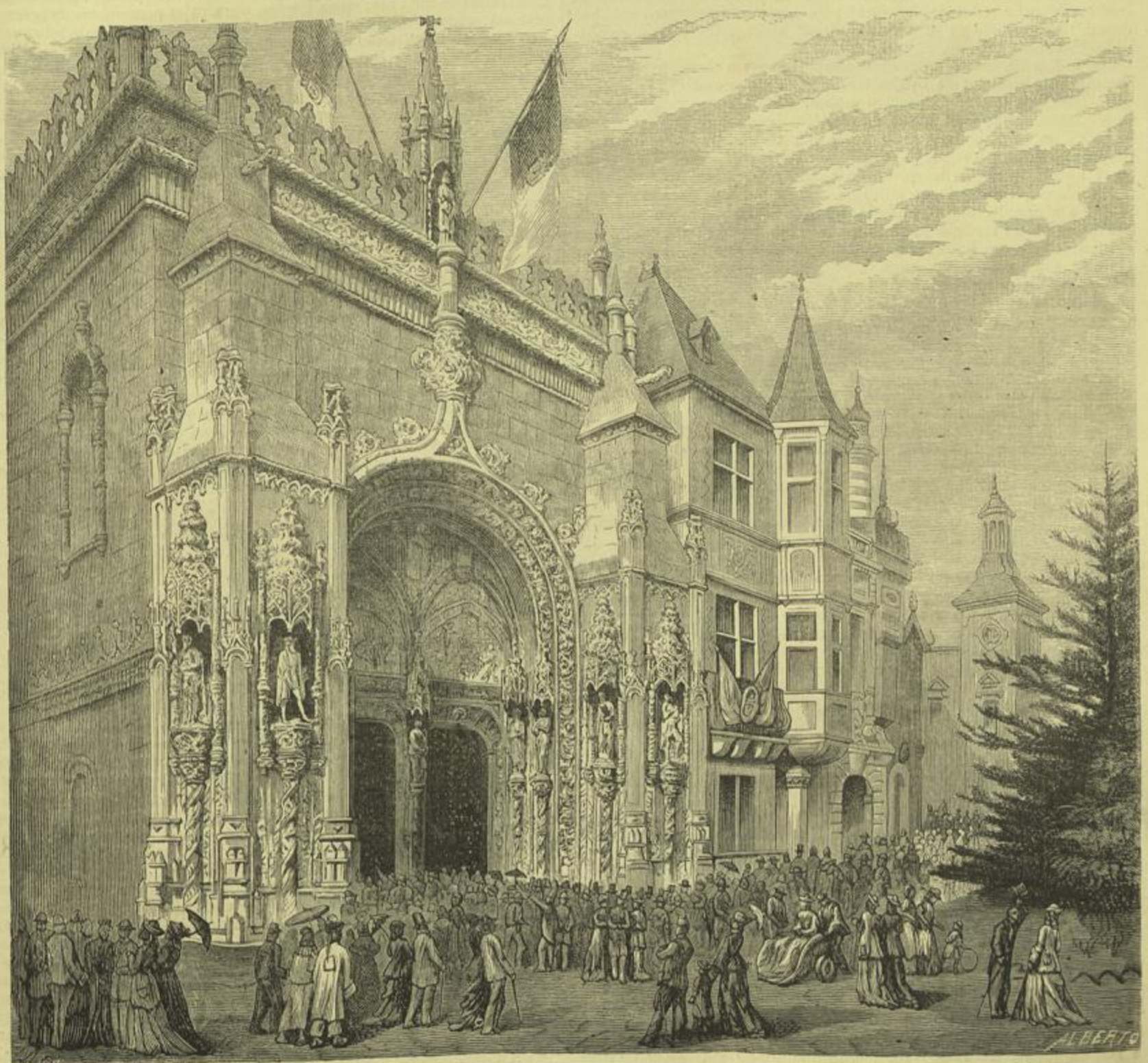
1.º ANNO — VOLUME I — N.º 13

1 DE JULHO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DO PAVILHÃO PORTUGUEZ NA RUA DAS NAÇÕES (Segundo uma photographia enviada de Paris)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — A fome na India, por PINHEIRO CHAGAS — Viagens em Portugal, por B. R. — O actor Ribeiro, por CHRISTOVAM AYRES — As nossas gravuras — Duas datas, por BERNARDO PINHEIRO — BIBLIOGRAPHIA.

GRAVURAS. — Fachada do pavilhão portuguez na rua das Nações — A fome em Madrastra, na India ingleza — Pelourinho de Bragança — O actor Ribeiro, no «Avarento», de Molière — Os regicidas Henrique Maximiliano Hoedel e Carlos Eduardo Nobling — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

A sociedade portugueza no decurso dos ultimos quinze dias apenas foi theatro d'algun fogo d'artificio, de diversas procições e de varios bailes campestres.

Realmente, quando a rhetorica do noticiario e do artigo de fundo proclama todos os dias e a toda a hora, que os povos caminham a toda a brida pela estrada do *Futuro* no carro do *Progresso*, é na verdade para regosijar esta situação de espiritos que nos deixa saborear os ocios d'uma existencia pacifica e honesta, isempta de todos os perigos, a não ser que os pretos da procissão de *Corpus-Christi* comecem a dar-nos marradas, ou que Therpsichore se espante, ou que os pyrotechnicos nacionaes, em vez de furarem com foguetes o ceu azul, nos furem simplesmente com elles o ceu da bocca.

Diga-se o que se disser: o nobre vehiculo a que me referi póde ser um bom carro, não o contesto: entretanto para uso das familias e da burocracia portugueza, os da companhia do largo de S. Roque não deixam de ser preferiveis.

É raro o homem publico que antes de subir aos conselhos da corôa não tenha palavras de louvor para o *carro do progresso*, mas que depois não reconsidere mandando alugar antes una sege á companhia Lisbonense.

Por fim de contas entendem-se melhor com os bucephalos esparvonados que pucham as tipoiás terrestres, do que com esses hypogriphos fabulosos que atravessam o espaço, velozes como raios, indo ás vezes bater comsigo no fundo de abysmos ignorados.

Ora na verdade vale muito mais cair na rua do Ouro e receber os primeiros curativos na pharmacia Barral, do que tombar na historia e apparecer depois na posteridade com *pontos* no nariz.

Portanto, enquanto os outros fazem a viagem da vida d'uma maneira arriscada, abalanzando-se aos meios de locomoção mais imprevisos e mais vertiginosos, nós vamos choutéando placidamente pela existencia fóra, no bucolico burrinho de Sancho Pança, até nos chegar tambem a nossa hora de *coupé*.

Assim, enquanto os francezes, por exemplo, procuram saltar o canal da Mancha por meio d'um *tunel* ou d'uma ponte, nós saltamos unicamente fogueiras; ainda que na verdade é um pouco mais innocente queimar alcachofrs do que queimar as Tulherias.

— Lisboa, continuando a manter respeitosa as tradições dos seus maiores, correu ha poucos dias á rua dos Capellistas a vêr a mais querida das suas procições. Coitada! Como ella está mudada; não parece a mesma! Não se assemelha nada áquella procissão tão alegre e tão garrida de que nos fallam as antigas chronicas! A unica coisa que conserva ainda do seculo passado são os cavallos, e esses mesmos... raros. Custa-lhe immenso a andar; está tropega, corcovada, tem a pelle encarquilhada e os proprios commendadores lhe têm caído a um e um!

Infeliz! Depois dos cavallos sómente n'esta procissão mantêm ainda o seu velho brio, os pretos. São os unicos que conservam a côr primitiva.

É para elles sómente que a tinturaria de Cambournac é uma inutilidade na terra. Nasceram pretos e pretos se têm mantido tocando os pifanos festivos com a mesma convicção desafinada com que os tocavam ha duzentos annos! Gloria eterna aos que tão honrosamente sabem accumular estes dois cargos:

Serem pretos e ao mesmo tempo exemplo de politicos.

Sim, da mesma maneira que elles mantêm a sua côr primitiva, assim a mantivessem os nossos homens publicos — e as basilicas da Sé!

Ao vêr a pobreza do cortejo, que na quinta feira de *Corpus-Christi*, fazia o giro annual da rua dos Capellistas e dos Retrozeiros, muita gente perguntava com a voz embargada pela commoção: Portugal, o que fizeste dos teus commendadores?

E na verdade; depois das exhortações da folha official, — sabendo-se de mais a mais que no paiz as dignidades de todas as ordens *dão* mais tarde ou mais cedo em todas as pessoas do sexo masculino, quer sejam ou não vaccinadas — a pergunta não era para estranhar.

O que seria pois feito dos cavalleiros professos e commendadores nacionaes? Teriam sido accommettidos pelo voltaireanismo rabico ou, caso ainda mais grave, ter-lhe-ia dado o phyloxera? N'este caso, infelizes de nós! O unico remedio seria arrancar-os, ou então tratar quanto antes de os enxertar com commendadores americanos que se poderiam obter elevando as sepas do novo mundo a esta dignidade, operação aliás facil de realisar nas chancellarias portuguezas.

Não havia entretanto motivo para tão graves receios. Simplesmente parece que os cavalleiros e commendadores não gostam de sair á rua de manto. Ainda se fosse permitido usal-o por baixo do *pardessus*, vá. Mas não. Os mantos dos dignatarios é de rigor trazerem-se soltos á brisa, de maneira que os commendadores e cavalleiros yaci-

lam sempre antes de atravessar a rua dos Retrozeiros de insignias enfunadas, acabando afinal por dar pela vez primeira um despreso profundo ás recommendações do *Diario do Governo*. Bem lhes custa, mas, enfim, para um homem de pundonor e de casaca preta é mais facil atravessar de dia as ruas da baixa levando um crime ás costas, do que levando dois metros de gase.

Eis o unico motivo da procição nos alegrar menos do que na verdade devia.

— Chegou, enfim, o calor, o bom calor de julho que torna o Tejo mais glorioso e o Chiado mais deserto. Demorou-se este anno mais algum tempo, mas promete ressarcir os dias perdidos vibrando com mais intensidade os seus raios sobre as espinhas dorsaes dos que estavam saudosos d'elle.

Verdadeiramente n'estes dias, quando olho para uma d'essas longas ruas da cidade aonde o sol cáe a prumo com todo o esplendor com que dardeja no Sahara, tenho pena de que não se erie uma companhia de transportes para estabelecer dromedarios de 3 em 3 minutos.

Comprehendo então pela vez primeira a utilidade do camelo nas ruas de Lisboa. Oxalá que elle por sua vez entrasse na comprehensão dos deveres que incumbem aos da sua especie.

Além dos sorvetes, o calor tem inconvenientes gravissimos que eu não me proponho agora enumerar. O calor amolece o asphalto e o cerebro, e como nós, á maneira dos francezes, não costumamos fazer barricadas, o mez de julho é um d'aquelles de que menos precisamos, sendo ao mesmo tempo um dos que mais nos arruina, quer pelos refrescos que absorvemos quer pelo fuido nervoso que transpiramos.

Sim, o calor é importuno. Ainda não ha muitos dias que em certo *restaurant* do Chiado, um moço de nobilissima alma e de facil palavra, depois d'um discurso eloquente e generoso que lhe tinha valido os entusiasmos de uma assembléa inteira, contava os pormenores da refrega oratoria, empregando ainda umas sobras dos seus gestos mais solemnes.

Tinha o cabelo um pouco revoltado, como convém á jubá dos tribunos, e a *toilette* n'aquelle desalinho peculiar aos que saem de graves lances. Um amigo chega e observa-lhe:

— O que é isso, tens a camisa amarrotada?

Jayne Batalha Reis, que estava presente, atalha de subito:

— Homem, você não sabe que a gomma das camisas é soluvel em tropos?

É tão raro entre nós um dito d'esta cathegoria, que é bom registral-o, para que se fique sabendo que de quando em quando tambem por cá fulge a centelha do espirito.

— A chronica sac um pouco dos seus dominios para noticiar um acontecimento triste, obrigada pela circumstancia d'esse acontecimento a impressionar de certa fórma o nosso pequenino mundo. Morreu a rainha de Hespanha, essa graciosa princeza Mercedes, de quem o OCCIDENTE deu o retrato n'um dos seus primeiros numeros. Era então a hora do epithalamio: agora soou já a da elegia.

Oh, formosas e candidas princezas, podeis ser bellas, adoradas, trazer a fronte aureolada pela corôa das rainhas, ou pelo esplendor dos 18 annos; chega porém um dia em que o patriarcha das Indias tem de vos ungrir e o arcebispo de Toledo de rezar por vós, enquanto o Verme, o grande rei, o grande egualitario, o senhor de todos nós, imperadores ou mendigos, saúda na sua passagem os grandes da côrte, que lhe levam os vossos formosos corpos vestidos de setim, repetindo no silencio da noite os versos d'aquella epopea que o genio de Victor Hugo parece ter composto ainda ha pouco, expressamente para ser cantado por Elle na sua infima grandeza:

Le ver est sous l'azur comme il est sous le marbre;
Hors de moi rien n'est réel
Je mords, en même temps qu'une pomme sur l'arbre
L'étoié e dans le ciel.

E o infusorio começa a devorar a constellação.

GUILHERME D'AZEVEDO.

A FOME DA INDIA

Tem o Oriente a reputação de ser o paiz das maravilhas. Consideramos as *Mil e uma noites* como a chronica authentica d'aquelles paizes do sol. As crianças brincam com diamantes como podem brincar na Europa com rolhas de vidro. Os pobres mendigam envoltos em cachemiras. Os rios rolam areias de ouro nas suas aguas espumantes. As perolas fluctuam, como os lodões, a flor sagrada e azul, á superficie phosphorescente das vagas do oceano indico. Riqueza e esplendor são os caracteristicos d'aquella paiz de prodigios.

Quereis um quadro das *Mil e uma noites* reaes? Olhai para a gravura do *Ocidente*. Nunca vistes nada mais horrendo, não é assim? Suppondes talvez que anda por aqui a phantasia de um desenhador amoroso do hediondo? Não; o desenho é copiado de uma photographia, e a photographia foi tirada do natural e enviada por um cavalleiro de Goa, o sr. Manuel Maria Protes Bordalo Pinheiro. Aquelles espectros, que parecem ter saído do tumulo para vir *poser* diante da camara escura, aquelles esqueletos cobertos, sem metaphora, apenas com uma tenue camada de pelle, aquellas figuras medonhas existem, se se chama existir estar suspenso por um fio sobre a sepultura.

A fome, a fome implacavel, devasta as immensas planicies indianas, um ceo de aço polido brilha com uma serenidade terrivel sobre as campinas, e as vacas de Iudra não encontram no ceu brahmanico um

ente compassivo que as ordenhe para fazer cair sobre a terra o leite benéfico da chuva. As searas não vicejam, um sol de fogo queima as pastagens, os bois, saltando um longo mugido, caem mortos de inanição, e junto d'elles as mães indianas, depois de darem a ultima gota de sangue ás creanças espectraes, caem mortas tambem com um suspiro, com essa muda resignação oriental que surprehende a Europa. Tão sobrios, e morrem de fome! Um punhado de arroz basta para os alimentar, e esse punhado de arroz não o encontram! E torrentes de dinheiro se arrojam a esses *jungles* sem conseguir fecundal-os! e a Caridade abre as suas amplas azas brancas para abrigar os famintos, e o espaço ainda não é vasto bastante, e milhares de creaturas humanas dão os seus corpos á terra, preparando assim com o adubo dos seus ossos as messes do futuro.

Horrendo! horrendo! e entretanto effectivamente esse mundo das *Mil e Uma Noites* existe em cima na esphera privilegiada. E o mesmo sol, que accende os diamantes nas minas de Golconda, queima as searas nos campos de Vizapor! assim o mesmo idolo resplandecente, que dá aos brahmanes o luxo e a fartura, esmaga debaixo das rodas do seu carro os fakires fanaticos! e com a carne dos pobres alimentam-se os tigres, que vão dar as suas pelles mosqueadas e brilhantes para os tapetes dos ricos! E os nababos cobrem os seus elephantes com xaires de veludo e oiro, e fazem resplandecer nos seus turbantes os penachos de pedras preciosas! e o oiro veste as cupulas dos pagodes! e os idolos na sombra mysteriosa dos templos d'Ellora, immoveis, fataes, contemplam eternamente com os seus olhos de diamantes as lampadas, onde arde o oleo perfumado, e as pesadas portas de sandalo, que rangem, exhalando um aroma suave, para dar passagem ao brahmane soberbo! e ao lado dos templos, que ostentam as suas decorações de magica no meio das paisagens radiantes do Oriente, ao lado dos palacios onde resplandece tudo o que pôde sonhar de mais phantastico e brilhante a imaginação humana, milhares de homens, de mulheres e de creanças caem mortos de fome no solo requemado e hostil.

Não nos admira! Está é a antiga sociedade do Oriente. É o regimen das castas; é a velha lenda do brahmane e do paria! mas na India hoje quem domina não é o grão-Mogol, é a rainha de Inglaterra. A civilização christã tem ali representantes triumphaes. A Inglaterra assumiu perante o mundo inteiro a responsabilidade do que se passa n'aquella vasta península. Como é que as velhas tradições despoticas e cruéis continuam a imperar? Onde está a acção civilisadora da grande nação occidental?

Out'ora o missionario, vestido com o simples burel, levando na mão o crucifixo, percorria a pé essas vastas regiões. Encontrava muitas vezes o martyrio, sempre o sacrificio. Levava nos labios palavras de amor e de fraternidade. Consolava os humildes, chamava seus irmãos aos parias, e apresentava a esses povos surprehendidos, como um ideal supremo e novo, um Deus humilde, nascido sobre as palhas, morto na cruz affrontosa, e abrindo os braços igualmente ao grão-Mogol e ao infimo paria, e, se tinha predilecções, chamando antes para junto de si os pobres e os humildes. Esta palavra santa é que era a civilização.

Depois do missionario humilde veio, tal é a degeneração fatal das coisas humanas, o missionario ambicioso. Succedeu a S. Francisco Xavier o jesuíta do seculo XVIII, que, em vez de ganhar almas, quiz ganhar poder, que transigiu com os preconceitos indianos, que mudou em vestes de oiro e seda a tunica inconsutil do Christo, que fez de Jesus, o loiro rabbino de Nazareth, como que o rajah potente de Tiberiades, que, em vez de narrar a pobre entrada do Redemptor em Jerusalem, montado na jumentinha humilde, o fez entrar, em cima de um elephante ajaezado de oiro, seguido por um exercito innumeravel. Mas o jesuíta caiu. Perdendo a simplicidade, perdeu a força; substituindo á palavra da fé o engenho da diplomacia, viu anniquilado o seu prestigio, e o catechumeno, voltando-lhe as costas, foi ajoelhar reverente diante do tumulo onde jaz o corpo incorrupto de S. Francisco Xavier.

E veio a Inglaterra, a grande, a desdenhosa nação! a civilisadora, a philantropa, que espalha as Biblias com mão prodiga, que em todas as partes do mundo combate energicamente a escravatura. E riu-se do fanatico missionario, que levava a palavra de Christo ás turbas indianas, e que não sabia ensinar-lhe outra civilização e outra philosophia, senão a que se encerrava nas velhas paginas do Evangelho. «Agora, disse a Inglaterra, a missionaria sou eu, agora ides saber o que é a civilização da Europa, o que é a superioridade moral dos povos occidentaes.»

E o filho da rainha de Inglaterra atravessou de um a outro lado a grande Peninsula. Viajou ali simplesmente como viaja na Europa? Mostrou aos Indios surprehendidos o que é um príncipe europeu nas nossas eras democraticas? Deu o braço a sua mulher e passeiou nas ruas de Calcuttá como pode passeiar nas ruas de Paris, com o seu chapéu de palha na cabeça e o seu chapéu de sol aberto? Entrou um bello dia pela casa dentro a um Indio das castas inferiores, como entrou em Paris na redacção do *Figaro*, e passou por entre os machinistas atarefados na tiragem das grandes folhas? Não, rodeiou-se de todo o esplendor de que podia rodeiar-se um filho de Genghiskhan! Viveu no meio de uma côrte resplandecente de nababos e de rajahs, intangível aos infimos mortaes, montado nos elephantes, sentado nos palanquins, confundindo a sua realza europeia com a turba das realzas orientaes, sendo para o paria que, estorcendo-se nas angustias da fome, o via passar ao longe, apenas um outro rajah, mais loiro e menos brilhante do que os rajahs da India! E a rainha de Inglaterra não se mostrou aos Indios na simplicidade da sua realza constitucional, apresentou-se como a herdeira de Aureng-Zeb, como a imperatriz soberba! E assim quiz fascinar os Indios, como se elles não tivessem n'esse genero, no

seu solo, fascinações intangiveis para os Europeus! E não se lembram que, assim como o Christo dos jesuitas do seculo XVIII, por mais que o rodeassem dos prestigios do Oriente, nunca podia rivalisar com as lendas prodigiosas do Boudh, assim a rainha Victoria, por mais que lhe chamem imperatriz e a cerquem do prestigio das soberanias orientaes, nunca poderá eclipsar os esplendores sobre-humanos d'esses soberanos asiaticos, rodeados de uma auréola divina, confundindo-se com os deuses aos olhos do paria humilde. Mas o que os surprehendia e captivava no seculo XVI era o Christo humilde e pobre em que S. Francisco Xavier lhes fallava, o que os surprehenderia hoje seria a realza democratica da Europa, na sua simplicidade tranquilla e affavel, descendo aos mais humildes, contentando-se com o prestigio moral, illuminando-se não com os esplendores emprestados do Oriente, mas com a luz nova e sagrada de uma elevada civilização.

Assim, com o systema que a Inglaterra segue, não é a Europa que se impõe á Asia, é a Asia que converte a Europa aos seus preconceitos e aos seus vicios. Não é a civilização europeia que invade a India, são os costumes indios que corrompem e desfiguram a civilização da Europa. Por isso em pleno seculo XIX, debaixo do dominio e com a cumplicidade involuntaria da Inglaterra, se dá esta anomalia estranha: um povo inteiro que morre de fome, enquanto nas cidades todos os recursos do paiz se convertem em diamantes e perolas para o esplendor das côrtes. E a Europa vê com assombro um príncipe inglez passar na esphera luminosa onde brilham as castas superiores do mundo indiano, enquanto a dois passos o tigre hediondo da fome devora, ao som dos hymnos de festa e das salvas de artilheria, uma população immensa. Que civilização vale mais aos olhos de Deus, aos olhos da humanidade, aos olhos da philosophia? A do príncipe do seculo XIX, que passa envolto em resplendores por entre um cortejo de naires cobertos de diamantes, sem ver o paria que morre, ou a do missionario do seculo XVI, que, ajoelhando com a sua roupeta rasgada ao lado do paria que expira, reparte com elle o seu pedaço de pão, e lhe diz as palavras de amor e de fraternidade, que caíram outr'ora, como perolas, dos labios de Jesus?

PINHEIRO CHAGAS.

VIAGENS EM PORTUGAL

EM BRAGANÇA

7 de Outubro de 1874.

A rua por onde subimos era a rua *direita* — aspiração, a d'este nome, nunca realisada por nenhuma das cidades e villas de Portugal, que eu conheço.

As casas dos lados, rectangulares, — feitas para o fim unico que o proprietario lhes reconhece, de viver a coberto dentro d'ellas, sem perder muito espaço, — são altas, estreitas, alinhadas methodicamente, sem saliencias de fachadas, ou janellas.

Ao principio da rua, perto da praça, tem todas as casas, no pavimento terreo, lojas de venda, com uma porta quadrada, larga, quasi apenas separada d'outra muito estreita, pelas hobreiras de granito.

Mas, á medida que se chega á encosta que leva ao castello, pela rua da *Costa grande*, começam a estender-se mais as frontarias, só d'um andar nobre, espaços, com a parede alta e nua desde a verga curva e grossamente ornamentada das janellas, até á cimalha alta, saliente, negra, cheia de tufos immoveis d'hervas seccas, pegadas a pastas escuras, d'onde, com a agua, teem escorrido durante annos, linhas grossas cõr de sepia, com pingos, consolidados, no fim. A espaços, já sobre as telhas, moitas flexiveis e agitadas no ar, d'um verde amarellado, conservavam uma nota quente de luz nas folhas das crassulaceas, ou das parietarias, presas ás fendas e cercadas de pó.

A luz do sol muito branca, e a projecção das casas d'um cinzento muito bem definido, dividiam a rua pelo meio. Nas paredes da esquerda, inteiramente illuminadas, accendiam-se aqui e ali pequenos fogos d'um amarello clarissimo, d'um alaranjado vivo, ou d'uma scintillação de vidro — brilhante e momentanea, — nas manchas da ócca, desbotada n'uns pontos, negrecida n'outros, ou sobre o caiado irregular e acamado, que se desprenhia, a pouco e pouco, ás folhas, com rachas compridas e tortuosas.

D'esse lado da rua, as pedras arredondadas da calçada mostravam, — no meio da luz nitida que lhes batia, — o arredondado virgem das ruas sem transito, e estavam meio cobertas pela herva arrelvada, direita, inteira, com o aspecto fresco e alegre das azinhagas d'aldeia, por onde só correm crianças.

Da direita as casas tinham uma cõr azulada fria, uma grande humidade no aspecto; e nas hervas que se viam menos verdes, pelos barrancos, havia a espaços uns arrepios de vento. Dentro, nos fundos palacios fechados, sentia-se de vez em quando o grande ecco, prolongado por corredores compridos e por vastas quadras sem mobilia, d'uma porta a bater ou de passadas solitarias de pessoa vagarosa e pesada.

N'um angulo, na nossa frente quasi, sobre o elmo que encimava um escudo de pedra, um leão heraldico abria a bocca com um ar enjoado e choroso.

Eram dez horas da manhã quando Bragança tinha este aspecto. Havia uma inteira solidão.

Só ao fim da rua encontrámos um homem baixo, grosso, com um chapéu de abas muito largas, o cabelo longo, caindo sobre uma cara quadrada e bondosa, e uma grande capa negra de golla muito alta com cabeção comprido.



A FOME EM MADRASTA, NA INDIA INGLEZA (Segundo uma photographia enviada de Nova-Goa pelo sr. Manuel Maria Protes Bordalo Pinheiro)

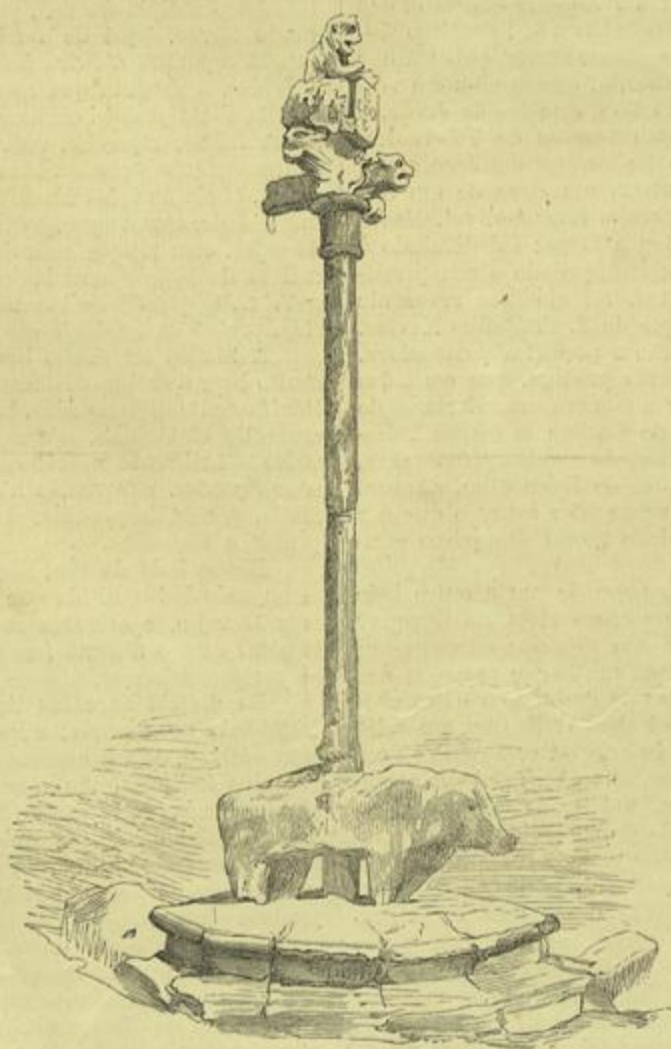
Quando saímos da tristeza aborrecida e regular das casas dos seculos XVII e XVIII, vimos á direita a torre gothica e imaginosa do castello, e á esquerda, n'um largo, o excêntrico pelourinho do Porco.

O caracter barbaro do monumento é completamente medieval, mas já gothico. A columna é muito fina e alta, o capitel muito pequeno, tudo dando uma impressão immediata de fragilidade e de grande aspiração infundada. Sobre o capitel, as cabeças dos animaes, a cujas boccas se prendiam os ferros das *picotas* para dependurar os criminosos, tem a expressão humana de quem se risse no meio de grandes tormentos: uma immobilidade de esgare doloroso, pasmado e ironico. No alto, um animal, quasi inteiro, amacacado, segura com ar de protecção comica um escudo de cinco quinas.

Na base, a columna enfia pelo dorso de um porco, grosseiramente talhado, que, pela esculptura, pelo caracter geral, me parece de fabrica muito anterior ao resto do Pelourinho e trazido de outro lugar para ali.

Manuel Macedo, encantado da estranheza do monumento, girava em torno d'elle, dependurava-se na columna, esfregava com o lenço molhado em saliva todas as asperezas da pedra, para vêr se descobria algum fio de lenda ou de explicação; dava pulos para chegar á argola de ferro que ainda pendia de um dos cachorros do alto, e abraçava a porca do pedestal.

Por fim começou a desenhar levemente o Pelourinho. E ao lado d'elle, á parte, esboçou, com dois traços, uma pequena figura que descobrira entre os dois cachorros que tem cabeças de animaes.



PELOURINHO DE BRAGANÇA (Segundo um desenho de M. de Macedo)

— É muito característica esta figura, disse-me elle, — um sargento d'armas, talvez um chefe de besteiros.

E, á medida que ia desenhando, notava:

— Vê tu que typo primitivo de alabarda... olha! olha! na cabeça uma *Salada!* ah! ah! E a cota! Que

me dizes tu a esta cota! Um *jaque*, meu amigo, um verdadeiro *jaque* ou *cambai* de D. Fernando, ou posterior.

E concluindo o esboço, resumiu:

— Aqui verás tu, que és socialista, um respeitavel, um rico monumento da auctoridade e das justicas municipaes: o direito do povo contra os nobres.

— Hum! respondi eu desconfiado. Como explicas tu essa porca furada, opprimida, sustentando toda a construcção? E, no alto, aquelle escudo d'armas? Quando eu cheguei aqui, ha pouco, pensei logo no que hontem nos disse aquelle archeologo que encontramos em Castro d'Avellãs. Parece que as leis portuguezas, sobre tudo, condemnavam ao Pelourinho ou *picota* os que roubavam no peso das carnes. Uma ordenação expressamente manda á *picota* todo o que der o arratel de porco por mais de 4 dinheiros e o de porca — em todos os tempos mais barata, attendendo ao sexo — por mais de 3 dinheiros. Julga aquelle sabio que a Porca de pedra significa o quer que seja n'este sentido. A mim occorreu-me depois explicação melhor. Quando hontem saímos de Castro de Avellãs ia, pela borda d'um souto, uma rapariga a cantar estes versos:





O ACTOR RIBEIRO NO «AVARENTO», DE MOLIÈRE

Poz-me o Fidalgo o marido
Na picota pendurado...
A mim poz-me ao peito os ferros
Do seu amor desvaído!

Não se póde elle soltar
Por que os ferros duros são...
E eu não posso desprender-me
Por que amo a minha prisão.

Um cão começou a ladrar, a rapariga afastou-se, e eu só pude, um bocado depois, ouvir ao longe, já quasi indistinctos, estes dois versos:

Não sou Princesa d'Armenia
E elle não é D. Alão...

O marido na picota e a mulher na posse do morgado, a seu contento d'ella... vê tu Manuel! vê tu!

Assim, meu caro Manuel de Macedo, este Pelourinho está muito longe da Casa da Camara que hontem nos mostraram, além. Está pelo contrario perto do Castello: Crê pois, que aquelle porco representa o povo opprimido, o povo que passa com o olhar baixo e que, em tendo toicinho ou mulher que valha... Aquelle porco representa o velho popular portuguez, aquelle porco é, emfim, um *mosarabe* do Dr. Theophilo Braga.

Tinham-se n'essa occasião aproximado de nós alguns officiaes de infantaria a quem fomos consultar sobre a melhor interpretação.

B. R.

O ACTOR RIBEIRO

Antes de conquistar no mundo da arte o nome festejado por que se tornou geralmente conhecido, o actor Ribeiro exerceu a profissão da qual passou para a esphera litteraria, onde occupa um importante lugar, o auctor da tragedia *Ignez de Castro*, Domingos dos Reis Quita.

De esforço em esforço, de baldão em baldão, de equilibrio em equilibrio na corda hamba da sorte, Joaquim Ribeiro dos Santos conseguiu firmar-se no ponto culminante onde raros elevam o seu arrojado vôo.

Entrou para o theatro pela primeira porta que o acaso lhe abriu, depois de, na sua preocupação constante, ter percorrido, forasteiro da arte, uma via sacra penosa.

Antes de se estabelecer nos seus credits, com tanta distincção alcançados, foi comparsa, empresario, director dramático, bohemio, por ventura quantas vezes ponto, ou imitador de cães, como Shakspeare.

Quando na sociedade deixou de prevalecer o elemento altamente egoista, que tinha monopolizado n'uma unica classe todos os privilegios e todos os direitos, a arte nas suas phases de maior gloria, sentiu-se empobrecida e oppressa, pela liberdade que lhe era cerceada, e pelos preconceitos que lhe traçaram areas restrictissimas. As grandes massas ignorantes, as enormes forças que permaneciam latentes nas regiões mais affastadas e obscuras, fizeram com que longo tempo a humanidade produzisse milhares de vezes menos do que podia produzir, e assim se atrazou de uma infinidade de seculos a logica e necessaria expansão do genio humano.

Mas ainda assim que potencias extraordinarias que, apesar de tudo, produziram Valmiki e Viaça na India, Homero e Eschylo na Grecia, Juvenal em Roma, Shakspeare na Inglaterra, Klopstok na Allemanha, Dante na Italia, Camões entre nós.

Na India a epocha sacerdotal, do predominio brahmane, muito mais progressista, ainda assim, que o posterior predominio theocratico na Europa, produziu as mais espantosas creações do genio humano.

Na Grecia os Aedos: Museu, Orpheu, Eumolpides, determinam uma epocha de iniciação admiravel.

Na França, do sexto a decimo seculo, a Igreja absorve todos os elementos de vida, todas as forças sociaes, e se torna a dominadora audaz, invadindo todas as esferas, impondo a sua fórma e maneira á consciencia e ao espirito, dispondo d'isto como d'uma coisa sua.

E foi assim que a Igreja de Gregorio VII conseguiu avassalar o mundo.

A este periodo da dominação ecclesiastica vemos em todas as litteraturas seguir-se, mais ou menos pronunciado, mais ou menos absoluto, o periodo cavalheiresco, já mais amplo de principios, porém monopolista ainda.

Aos Vedas e aos Puranas seguem-se o Ramayana e o Mahabarata; a Orpheu e Lino, segue-se Homero; á epocha dos Deuses a epocha dos Cesares. — Carlos Magno na França fornece á litteratura um elemento bulhoso, vivaz, cheio de aventuras e de episodios, de fanfarras guerreiras e de marchas triumphaes.

Ora, á excepção da India, todos os paizes viram seguir-se a estes estados de transição, uma epocha humanitaria, e democratica, em que passou a ser com todos repartido e para todos franqueado o grande monopolio dos antigos dominadores.

Sacuntala e Mritchakati, representadas nos templos pelas familias mercenarias das bailadeiras, passaram a ampliar a sua esphera até a morada dos poderosos.

O drama dos costumes morreu, porém, em embrião, começando já por ter apparecido n'uma epocha em que a litteratura tinha perdido toda a sua grandeza primitiva.

Na Europa fez-se um dia nos espiritos a grande luz: todos os elementos se amalgamaram, todas as desigualdades se nivelaram, e entraram no grande festim democratico os representantes de todas as esferas, concorrendo hoje todas as classes com o seu quinhão para a grande obra monumental.

Medianamente alto, com a longa cabelleira romantica caindo-lhe

em aneis sobre a gola do casaco, o andar grave, pausado, o olhar expressivo e perspicaz, a bocca rasgada, com finos labios ironicos, uma grande elasticidade nos nervos do rosto, o actor Ribeiro deve, como Taborde, todos os seus poderosos effeitos comicos á expressão da sua physionomia, e á mobilidade d'ella.

Mas Ribeiro é um talento transviado: o theatro da Trindade é o trilho errado por onde uma verdadeira vocação artistica caminha para a inutilidade.

As grandes faculdades do seu espirito, emprega-as Ribeiro na criação de personagens exóticos de estapafurdias operas comicas e farças burlescas.

E, comtudo, por debaixo da vestimenta de truão palpitam os musculos do athleta, e de quando em quando assombram-nos ver surgir no meio das farraparias da côrte bufa a estatura poderosa d'um artista de primeira ordem. Temos uma prova d'isto no desempenho admiravel do papel de tio Gaspar nos *Sinos de Corneville*, peça que tem ultimamente enriquecido de libras os cofres do theatro da Trindade, e de palmas as tibias da actriz Herminia.

Poucos tem a distincção com que Ribeiro se apresenta em scena; é uma distincção elegante, com um cunho proprio, sem laivos de imitação absurda ou de macaqueação ridicula. Por isso n'elle o actor dramatico é, na minha opinião, superior ao actor comico.

No repertorio do actor Ribeiro encontramos a confirmação d'isto.

Na *Creança de 90 annos*, quanta verdade, quanta commoção na reprodução fiel dos effeitos da decrepitude, na inconsciencia pueril d'aquelle pobre ser que se arrasta na sua senil infancia. Um papel insignificante, sem uma unica scena de verdadeiro effeito, sem relevo natural, mas a quem o actor, emprestando a vida do talento, consegue levantar á altura d'uma verdadeira criação!

Nos *Crimes de Brandão*, aquelle creado alvar, cópia verdadeira do supplicio de tantas familias; um choramingas, um pobre diabo com o rancinino tardio e a lagrima prompta.

Na *Senhora Angot* o typo de Larivaudière é uma criação completa. — A distincção de maneiras, a emphase balofa, o *coquettismo* do velho magistrado do directorio, o effeito da fascinação que exerce n'aquella alma libidinosa a esplendida cortesã dos salões doirados, não podiam ter interpretação mais primorosa.

Passando d'este genero, que por ventura muitos chamarão facil, vejamos Ribeiro no seu mais completo papel depois do de tio Gaspar dos *Sinos de Corneville*: O papel de Arpagão no *Avarento*, de Castilho.

Dizemos *Avarento* de Castilho porque o illustre poeta portuguez na interpretação da obra de Molière, que muitos querem que seja um esboço incompleto sobre o qual o grande poeta francez tencionava construir um poema dramatico, conseguiu imprimir ao seu trabalho um cunho particular de concepção e de grandeza.

A gravura publicada hoje nas paginas do OCCIDENTE allude á scena penultima do 5.º acto; scena introduzida por Castilho na sua magnifica traducção, com uma reconhecida vantagem sobre o original.

Castilho faz apparecer em scena o cofre roubado a Arpagão, dando assim pretexto para mais pronunciado se apresentar o caracter do avarento, no final da peça, consideravelmente melhorado.

A alegria com que Arpagão se apossa do seu thesouro, a ávidez com que o contempla, com que o remira, com que conta as peças de oiro n'uma absorpção bestial, que o torna indifferente aos interesses mais importantes da familia, todos estes sentimentos difficeis de se exprimirem, foram exhibidos magistralmente pelo actor Ribeiro, com applausos do grande traductor.

CHRISTOVAM AYRES.

AS NOSSAS GRAVURAS

A FACHADA DO PAVILHÃO PORTUGUEZ NA RUA DAS NAÇÕES

A primeira gravura do OCCIDENTE, representa hoje a fachada do pavilhão portuguez levantado na rua das nações, no grande palacio do Campo de Marte, em Paris. Tem merecido os geraes louvores essa construcção, dentro da qual se abrigam os productos que enviamos á exposição universal, e como para todos os nossos leitores seriam superfluas quaesquer explicações que lhe pretendessemos dar do monumento d'onde é copiado esse elegante portico, entendemos ser mais grato para o orgulho nacional transcrever as palavras que uma das mais poderosas individualidades litterarias da moderna França, Camillo Pelletan, lhe consagrou n'um dos mais lidos jornaes de Paris.

«Um portico lavrado, bordado, povoado de elegantes estatuas, acotovella, por um estranho contraste, a fachada dos Paizes-Baixos. É preciso admirar vagarosamente esta maravilha ainda toda florida da primavéra da arte portugueza, que em fins da meia-idade e principios da renascença, cobriu os monumentos de uma tão exuberante vegetação de labores e cinzeladuras. Era a época das grandes expedições, das epopeias maritimas, em que se via affluir a Lisboa as riquezas fabulosas da India e do Brazil, descobertas pelos heroes que precederam ou seguiram Christovam Colombo nos mares desconhecidos. Nasceu n'aquella época uma arte toda nacional, luxuriante como a natureza das terras novas, gloriosa como as aventuras que celebrava, sumptuosa como os thesouros inexgotaveis de que voltavam carregados os navios. Eram como que uns *Luziadas* de pedra, celebrando as conquistas phantasticas e as infinitas esperanças d'esse pequeno mas illustre paiz, que dividia o globo a meias com a Hespanha.

Taes foram o convento de Belem, erigido para commemorar a viagem de Vasco da Gama, e que era o primeiro a apparecer ás naus no seu regresso á patria; o de Thomar, séde da ordem militar e monastica de Christo, dotado com o monopolio das grandes expedições maritimas; Penha de Cintra, paço dos reis que presidiram áquellas gloriosas conquistas, e o mosteiro da Batalha onde elles tinham os seus tumulos. Ha de tudo n'essa architectura sobrecarregada, que mistura por vezes com os rendilhados moiriscos, com os recortes do gothico flammejante, com os arabescos da renascença, cordas, cabos, enxarcias, ancoras, maçames, aparelhos de bordo, emblemas das façanhas nauticas.

Esta decoração exuberante tem um cunho muito estranho e muito particular, com as suas amarras d'ornato, formando nós d'um relevo brutal, cordas enlaçadas a mastros, similhando sceptros chumbados na cantaria, porticos á roda dos quaes trepam, acima da parede, feixes de campanarios microscopicos finamente rendilhados, columnas torcidas, columnas em espiral, saliencias de molduras com lavôres erriçadas de folhagens, florões abertos em renda, cordões e cifras enlaçadas, e um sem numero de estatuetas de pé nos seus nichos, e tendo por cima cada uma o seu campanariosinho. A fachada da exposição foi copiada do convento de Belem; mas ainda a desbastaram muito, tão opulento é o modelo. Uma serie d'arcadas, que se levantam no interior do edificio, em angulo recto com a fachada, completa este delicioso specimen da architectura do paiz.»

São perfeitamente justas, e mostram uma perfeita comprehensão historica, estas palavras do notavel prosador. Depois d'ellas nada mais podemos acrescentar.

O OCCIDENTE irá dando successivamente outras gravuras que se relacionem com a exposição. A photographia sobre a qual foi feita a que hoje damos, só ha pouco a podemos obter directamente de Paris, não havendo nas estações officiaes, o que difficilmente custa a crer, a mais insignificante reproducção photographica do pavilhão portuguez.

HÆDEL E NOBILING

O imperador Guilherme da Allemanha, foi ha pouco victima de dois attentados o ultimo dos quaes poz em risco a sua vida, chamando a attenção da Europa para o colossal imperio militar aonde, na opinião de muitos, se começam a notar graves symptomas, precursores de um grande abalo social.

O primeiro attentado teve logar em Berlin a 11 de maio ultimo. Segundo o seu costume, o imperador ia, depois do meio dia, passear a Thiergarten, de carruagem, acompanhado de sua filha a grã-duqueza de Bade. De repente, perto da rua Mauer, um homem ainda novo, de *paleot* e chapéu baixo, correu atraz da carruagem, de revolver em punho, e desfechou duas vezes, com um segundo de intervallo, sobre o imperador.

Ouvindo a explosão o cocheiro, assustado, fustigou os cavallos para os metter a galopê, mas o imperador, levantando-se, mandou-o parar. A grã-duqueza de Bade n'este transe tinha-se enlaçado a seu pae, como que para lhe fazer barreira com o corpo, apeando-se ambos d'alli a momentos no meio das aclamações da multidão que corria de todos os lados.

Entretanto o assassino tinha sido preso pelo caçador da carruagem imperial, custando muito a conter a turba que pretendia fazer justiça por suas proprias mãos.

Do interrogatorio feito ao auctor d'esta tentativa de assassinato reconheceu-se que elle se chamava Emilio Henrique Maximiliano Hædel, havendo nascido em Leipzig a 27 de maio de 1837.

Tinha o officio de funileiro. Negou ter intenção de disparar sobre o imperador, affirmando ter feito fogo sómente uma vez e essa sobre si proprio, desesperado da sua triste situação. Por este suicidio, levado a cabo publicamente, pretendia, dizia elle, obrigar os poderosos a reflectirem na situação actual e no estado a que ella irremessivelmente conduz.

O segundo attentado teve logar a 2 de junho ultimo ficando o imperador Guilherme gravemente ferido d'esta vez.

Foi no passeio das Tillias, em Berlin, ás 2 horas e meia da tarde, quando o imperador passava na sua carruagem, diante da casa n.º 18, que dois tiros foram disparados sobre elle. Immediatamente grandes gritos de terror partiram da multidão precipitando-se alguns homens sobre a casa d'onde tinham feito fogo.

O caçador do imperador, saltando do seu logar, subiu á carruagem tomando nos braços o seu imperial amo, cujo rosto estava litteralmente coberto de sangue, mandando immediatamente seguir para o palacio aonde o ferido foi immediatamente transportado para o leito, ministrando-se-lhe os primeiros socorros da sciencia.

A primeira pessoa que entrou na casa n.º 18 foi o proprietario da mesma casa, sobre o qual o criminoso disparou um tiro de revolver que o feriu no pescoço, disparando em seguida sobre si proprio outro que o feriu gravemente. Foi então que se apoderaram d'elle.

Chama-se Carlos Eduardo Nobiling, e nasceu a 10 de abril de 1848 na provincia de Posen. Nobiling recebeu uma educação distincta, e depois de concluido o seu curso no lyceu de Züllichan, entregou-se a estudos de economia rural para seguir depois os cursos da universidade de Halle e depois da universidade de Leipzig, occupando-se especialmente de philosophia, de historia e de direito.

Nobiling distinguio-se sempre pelo seu estudo e amor ao trabalho. Em julho de 1877 fez uma viagem a Londres, á Belgica, á França, á Suissa, á Austria, sem fim determinado. Tencionava mais tarde escrever um estudo critico sobre a situação economica da Allemanha.

Era extremamente exaltado; partidario ardente das idéas socialistas. Redigiu varios jornaes e lia habitualmente alguns que defendiam as doutrinas da sua predilecção.

Como indicio de uma crise gravissima porque passã o moderno imperio allemão no seu modo de ser intimo, o attentado com que se relacionou o nome d'esses dois homens, chama n'este momento a attenção de todos os pensadores. Não se pôde affiançar que Hædel e Nobiling procedessem como mandatarios de uma seita ou por sua propria inspiração. Bismark intenta fazer o socialismo allemão solidario d'estes dois criminosos, preparando para o combater algumas leis excepcionaes, contra as quaes de antemão se começa a revoltar o sentimento liberal da Allemanha. Se para obter essas leis o grande chanceller tem de se alliar com o partido ultramontano, Bismark põe talvez em risco as conquistas do espirito moderno, e então é muito possivel que a Allemanha proteste mais energicamente contra o despotismo cesariano que hoje parece dominal-a.

DUAS DATAS

Não se acorda uma creança no dia dos seus annos. Entrem-lhe no quarto a que horas quizerem, devagar, pé ante pé, que sempre a encontrarão viva, esperta, sorrindo como um cherubim. Pôde ser preguiçosa, não importa, n'esse dia acorda-a a madrugada. No primeiro de maio Paris acordou assim. É que n'esse dia Paris, a cidade sem rival, a patria de tudo quanto é grande e gigantesco, preparava-se para festejar condignamente, com uma pompa nunca vista, a abertura da Exposição Universal.

Na celebração d'essa festa estava empenhada a sua honra; era por ella que o mundo havia de julgar da vitalidade, da força, do sangue que bate no coração da moderna França! Moços e velhos, republicanos de todos os matizes, monarchicos de todas as procedencias, todos á porfia, esquecendo velhas dissensões partidarias, se uniram no patriótico intento de dar á festa uma feição inteiramente nacional. E conseguiram-o, e foi por isso que a solemnidade tomou as proporções d'um deslumbramento, d'uma glorificação!

Em todos os bairros, em todas as praças, em todas as ruas, em toda a parte emfim, o ar que se respirava era impregnado d'um alegre e viril entusiasmo. Havia expansões communicativas, delirantes. Os desconhecidos fallavam-se, apertavam-se as mãos. Os edificios completamente ornados de bandeiras multicolores, desde as hastes dos pára-rios até ás portas da rua, davam á cidade o aspecto maravilhoso d'uma esquadra gigantesca embandeirada em arco boiando n'um oceano humano! Era phantastico, deslumbrante!

Margot da janella do seu quarto, n'um sexto andar da rua de Saint-Ferdinand aux Ternes, deliciava-se com o brilhante panorama que a sua vista aguda e perspicaz alcançava. Estremecia cheia de susto ao ver homens debruçados nas platibandas das casas, lançarem d'um para outro lado da rua cordas d'onde pendiam pequenas bandeiras triangulares. O seu pequenino coração de franceza tinha movimentos descontraídos de alegria que se traduziam n'uma viva impaciencia. Havia já muito que se tinha levantado e o relógio da torre proxima acabava n'aquelle momento de dar com uma ironia desusada oito badaladas sonoras. A manhã tinha-a passado a dar ao seu modesto quarto um arsinho de festa; uma cobertã de chita de ramagens, fresca como uma madrugada da primavera, cobria o seu leito de ferro collocado a um dos cantos do quarto; a moldura preta d'uma photographia de Christo de Vandyck, pendurada na parede dois palmos acima do travesseiro, desapparecia debaixo de pequeninas flôres que a sua paciencia ali semeára com um mimo inexcedivel. Esse Christo fôra comprado n'um dia feliz em casa de Goupil. Sobre uma pequena banca redonda coberta de *percale* de côres garridas, descancava do trabalho de todos os dias uma pequena machina de costura com o braço da mânivella inteiramente polido do contacto da sua fina mão esguia. Um largo armario que n'outro tempo fôra o guarda-louça da farta casa de seus paes, deixava ver atravez das portas envidraçadas roupa branca cuidadosamente amontoada. No peitoril da janella as suas plantas, ás quaes queria como filhas, balouçavam-se ao sopro da aragem que lhes roubava o perfume.

Margot com o seu vestido preto, simples, liso, sem arrebiques, unicamente realçado por um ramallete elegantemente posto na cintura, completava este quadro d'uma singeleza adoravel.

Não havia ninguem que não respeitasse a sua mocidade — alvorada mais acostumada a lagrimas que a sorrisos. Os visinhos tinham sempre para ella palavras de carinhoso affecto; o guardaportão, um velho veterano rheumatico, callava as suas pragas mal a presentia.

Era querida como uma andorinha que tivesse feito o seu ninho no beiral d'aquelle telhado.

Mais de vinte mil carruagens, desde as mais luxuosas equipagens, até ao mais reles fiacre, conduziam n'uma fila demorada, ás diferentes portas da exposição os convidados da granda festa, da grande solemnidade. Uma multidão ruidosa, compacta, movediça, alastrava-se como uma inundação por todas as avenidas que vão dar ao Campo de Marte e ao Palacio do Trocadero. Os terraços, os telhados dos edificios proximos, inteiramente apinhados de gente para ver desfilar o cortejo. Nas janellas, senhoras. Em todos os rostos a expressão franca d'uma alegria sem igual.



EMILIO HENRIQUE MAXIMILIANO HEDEL

Auctor do attentado contra o imperador da Allemanha no dia 11 de Maio de 1878
(Segundo uma photographia enviada de Berlim)



DR. CARLOS EDUARDO NOBLING

Auctor do attentado contra o imperador da Allemanha no dia 2 de Junho de 1878
(Segundo uma photographia enviada de Berlim)

Margot conseguira com o seu passo miudinho chegar á Praça do Trocadero. Perto das duas horas, aquella onda de gente abriu-se n'uma ala respeitosa, para dar passagem á equipagem de gala do marechal, puxada á daumont por quatro cavallos de fina raça. Na frente vinham quatro batedores, atraz um esquadrão. Um murmúrio sympathico acolheu a chegada de Mac-Mahon. Rufavam os tambores, a musica da guarda republicana tocava a marcha do *Songe d'une nuit d'été*.

Um homem que estava ao lado de Margot, que sabia de cór o programma da cerimonia e os nomes dos principes, dos embaixadores, de todas as notabilidades que deviam assistir a ella, em bicos de pés imaginava assistir aos cumprimentos na sala das festas, e em voz alta repeliu esses nomes:

— A Duqueza de Magenta, constellada de diamantes, o Principe de Galles com a sua farda vermelha resplandecente de scintillações, o Duque de Aosta acotevellando-se com o Rei Francisco de Assiz! o Conde de Maltke...

Margot, em cujo rosto brilhava uma alegria entusiasta, empallideceu ao ouvir esse nome, e a physionomia grave e austera do estrategico allemão, appareceu-lhe diante dos olhos como um phantasma sinistro!

N'esse momento salvavam os Invalidos; as musicas, os vivas á republica echoavam pelo ar: é que o marechal acabava de pronunciar as sacramentaes palavras: *Em nome da Republica Franceza, está aberta a Exposição.*

Pobre Margot! pelo seu atribulado espirito passaram então todas as terriveis scenas da guerra. Viu Paris no primeiro de março de 1871, quasi morto, aniquillado, as ruas desertas, todas as portas fechadas, bandeiras de crepe caidas das janellas, uma cidade de lucto por uma nação inteira! Depois, mais tarde, todos os horrores da communa e, oh! dor infinda, seu pae e o seu desditoso noivo mortos no mesmo dia no ataque das barricadas, que então se levantavam ali, n'aquelle mesmo logar onde hoje se ergue esse maravilhoso e sumptuoso palacio!...

Chora, pranteia a morte d'aquelles que te foram queridissimos na vida, que não resuscitam quando a França resuscita!

BERNARDO PINHEIRO.

BIBLIOGRAPHIA

SILVA PINTO. — *Controversias e estudos litterarios* — 1875 e 1878. Porto. — O sr. Silva Pinto escreve a seguinte epigrapha na primeira pagina do seu livro: *Este é o meu sangue.* — Como todos os escriptos do auctor, este assignala-se por aquella isempção, por aquelle impeto de vida propria d'um batalhador cheio de tenacidade. Este livro tem paginas extremamente bem pensadas e que denotam que enquanto o seu auctor batalha, não deixa ao mesmo tempo de estudar. Não podemos em poucas linhas dizer mais das *Controversias e estudos litterarios*. Seria um livro digno das attenções da critica se a indiferença do espirito portuguez pelos assumptos litterarios e artisticos não estivesse já perfectamente caracterizada. Podem muitos dizer que o sr. Silva Pinto é por vezes injusto: o que ninguem póde affiançar

é que elle tenha a deshonestidade de esconder os seus pensamentos, ao passo que possui incontestavelmente a fé e a virtude perseverante no trabalho.

URBANO LOUREIRO — *Os Hypocritas.* — *A infancia de Frei Quintino.* Romance d'uma familia. Com uma carta prefacio pelo Abade Sant'Anna. — N'este livro revelam-se todas as distinctas qualidades do auctor. Naturalidade e fluencia no dizer, graça espontanea e abundante, extrema verdade no dialogo; photographia exacta dos personagens. Urbano Loureiro distingue-se de ha muito por uma notavel aptidão para este genero de trabalhos, em que elle representa, por assim dizer, no nosso paiz, uma individualidade á parte. *Os Hypocritas* é um impetuoso livro de propaganda disfarçado em varias paginas do melhor e mais salutar bom humor. Divide-se em tres partes e lê-se d'um folego unico. Como pamphleto pode ser terrível, mas como romance é original e indica da parte de quem o escreveu um notavel poder litterario.

A Renascença — ORGÃO DOS TRABALHOS DA GERAÇÃO MODERNA — Director: Joaquim d'Araujo. — Porto. — Acabam de sair o 2.º e 3.º fasciculo d'esta publicação litteraria, dirigida pelo sr. Joaquim d'Araujo, moço de supremo gosto litterario, de bello talento aliado a uma grande tenacidade, capaz d'arear com as maiores difficuldades, como bem se prova por esta revista. Os dois fasciculos que temos presentes assignalam-se por uma magnifica carta biographica d'Eça de Queiroz acompanhando o retrato de Ramalho Ortigão. É um bello trecho litterario digno d'essas duas individualidades a quem as letras portuguezas devem tantas das suas paginas mais elegantes, mais modernas e mais justas. O resto da collaboração não desdiz dos creditos da *Renascença*: firmam-na diversos nomes conhecidos e festejados nas letras portuguezas.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Os que de espada vem fazer batalha
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
6, Rua do Theatro Velho, 6